



CAVALO CHINÊS

Júlia Godoy





¹ o cavalo chinês vive há mais de 15.000 anos numa caverna em Montignac, França, entre CroMagnon, visitantes homo sapiens idaltu e homo sapiens sapiens, bisões, cervos e alces gigantes. E artistas de várias gerações, claro.

jogar terra pro alto contra o vento,
a espátula que limpa a travessa do bolo, mas que deixa parte do seu
conteúdo ir pelo ralo
coisas que se abandonam no meio do caminho
a dedicação das mãos
parte da história, somente as partes, não sua totalidade
relatos do Mar Negro, Mangalia e Krapets no verão
escutar as meninas que falam romeno
trocar fotografias
molhar areia cinética para ver o seu efeito

CAVALO CHINÊS

JÚLIA LIMA THOMAZ DE GODOY

CAVALO CHINÊS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília, Instituto de Artes, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Brasília, outubro de 2020

COMISSÃO EXAMINADORA

Geraldo Orthof Pereira Lima - UnB
Presidente

Karina e Silva Dias - UnB
Membro

Stéphane Denis Albert René Philippe Huchet - UFMG
Membro

Luisa Günther - UnB
Suplente



Dorethee

Lulu
Kalcholee
Pi

popu

Tisao

Mama

Mamas

Kasa



Wa

Busa A

Marcelo

TSA

28

Luisa

Tia Ina

Misson

Thalita Jussara

Alina

ABSTRACT

The research orbits around the problems of language and its interface with the empiricism of artistic production in the field of academic studies. Speculations about art-thought production merge with the artist-researcher occupation and the assumption of textual commitment that is established in the corollary of doing and building a scientific knowledge. The criteria were organized among resources, harvests, discards, writings and readings over the two-year period (2018-2020) and settled together here as reports – sometimes shaped as images and others as texts. This movement of opening and fragmentation was intentionally meant to maintain the digressive noises present in the critical and academic spirit.

key-words: *academic writing; art empiricism; language; fiction; simulation; nonsens.*

RESUMO

A pesquisa gravita em torno das questões da linguagem e da sua interface com o empirismo da produção artística no campo dos estudos acadêmicos. As especulações diante da produção artepensamento fundem-se com a própria função artista-pesquisadora e do pressuposto compromisso textual que se estabelece no corolário do fazer e do saber científico. Os critérios foram organizados entre recursos, colheitas, descartes, escrituras e leituras no período de dois anos (2018-2020) e o conjunto dessas relações foi aqui condensado em forma de relatos – às vezes materializado como imagens e outras vezes, como textos. Esse movimento de abertura e fragmentação intencionalmente pretendeu manter os ruídos digressivos presentes no espírito crítico e acadêmico.

palavras-chave: escrita acadêmica; empirismo em arte; linguagem; ficção; simulação; nonsense.

GODOY, Júlia Lima Thomaz de. **Cavalo Chinês**. Brasília, 2020. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

verdade consoladora número 01: a Terra não é plana e é muito molhada



VENTU

AQUAS

TERRIS



TERRAS

PACIFIC

dois mil e vinte, ano em que o mundo humano se notou apertado e séptico.



VENTO

AQUAS

TERRAE



TERRAS

PACIFIC OCEAN

SUMÁRIO

resumo

parte um

introdução – o método perepodvypodvert

entrando em pane

Gilgamesh não desenhou a primeira letra

Potchemuchka – por que escrever uma dissertação?

a viagem das aves inexperientes

Jitterbug writings – o bicho nervoso da escrita

it's all about trash

emudecer a língua

amendoim, milho, feijão, lã

as coisas detestáveis e estranhas devem ser mencionadas porque

elas existem no mundo

parte dois

Leia como se lê um romance
a arte os manteve vivos
pequenas doses de aflição
um abafamento de conclusões no CDLXXV
deus é a alma dos brutos
mundo das coisas
aqui não é a baía de St. Ives
projeto 2 ou 3
ato cívico
breve e verídica nota sobre seres cíclicos
roda Zanza 2020 – new organism's report

epiphania academicus: escrita utópica
corolário epifânico

inconclusão

Referências Bibliográficas

βάρβαρος: Bárbaros [grego] aquilo que não é helênico; estrangeiro.
E posteriormente aquilo que é desconhecido de romanos e gregos.
O outro e tudo que desconheço são βάρβαρος, barbaridades e
babarolexis?

Assim se deseja. Chegar aos bárbaros.



CHRISTIANI
SVEVICORVM
ET AVAND
REGI
QUOD INSTINC
IBOICAMHWMR
ST ADORATA SV
MISSAM VENERA
MO RELIGIONIS
RIVPHANS IN
STATIS OVI RO
VSTIS IN RVDE
S CONSVLARI
PCTO CARIT
NORE

PARTE UM

hemisfério sul

verão

já no seu final quando ainda chove forte e o pôr do sol acontece mais cedo e provavelmente as aves se preparam para migrar; o equinócio aconteceu; o ano começou e, como esperado, parece acelerado demais; as leituras se acumularam; a lente da câmera quebrou; nocciola, pistacchio e cioccolato são as palavras mais importantes quando se está na Itália; todas as palavras me importam; até os ventos têm nome

eu sou um güiranheenguetá² zanzando nos trópicos...

² “Pássaro de muitos pios” (tupi antigo), ave da família dos tiranídeos que imita o piado de vários pássaros.







“Tremo de impaciência. Não consigo atinar com o que devo fazer: deveria ter pego papel e caneta, mas apanho vários objetos que não me servem. Corro pelo quarto: da janela à mesa, da mesa ao aquecedor, do aquecedor de novo à mesa, depois ao divã, e de novo à janela. Sufoco com a chama que arde em meu peito. São apenas cinco horas, agora. Ainda tenho o dia inteiro pela frente, e a noite, e a madrugada... Estou bem no meio do quarto. E no que estou pensando mesmo? Já são cinco e vinte. Preciso escrever. Empurro para perto da janela a mesinha e me sento atrás dela. Papel reticulado à minha frente e uma caneta nem minha mão”.

DANIIL KHARMS, **A velha.**

“Ele [o deus Ñamandu] faz advir primeiro a Palavra, substância comum aos divinos e aos humanos. Atribui à humanidade o destino de acolher a Palavra, de nela existir e de dar-lhe abrigo. Protetores da Palavra e protegidos por ela: tais são os humanos, todos igualmente eleitos dos divinos. A sociedade é o usufruto do bem comum que é a Palavra”.

PIERRE CLASTRES, *Arqueologia da violência*.





INTRODUÇÃO - O MÉTODO PEREPODVYPODVERT³

ENTRANDO EM PANE

Existe um modo difícil de fazer as coisas. Você o coloca sob o verniz acadêmico, complexifica e o torna um pouquinho mais incompreensível. Diz-se perepodvypodverificar. A qualquer situação que te pareça simples (ou também as complexas que tenham sido simplesmente dadas pelo destino) acrescente esse método russo e a gestalt iniciar-se-á.

Em suma, o mais importante: não entender em absoluto do que se trata porque a *translatio artium* atravessa as línguas, as falas, os dogmas linguísticos e assim o processo se dá por inteiro. Entrar em pane é a intenção já que falhas no sistema representam um movimento (que seja mínimo) de alteração da rota, do percurso e de qualquer obviedade que venha nos assombrar. Somos previsíveis nos desejos e não queremos axiomas. Ou os queremos apenas sob disfarce.

³ Em cirílico: *переподвыподверт*, fazer algo de forma complexa.

⁴ Cf. Para Iuri “A fronteira do espaço semiótico é uma posição funcional e estrutural muito importante, que determina a essência do seu mecanismo semiótico. A fronteira é um mecanismo bilingual que traduz as mensagens externas para a linguagem interna da semiosfera e vice versa. Dessa forma, apenas com a sua ajuda a semiosfera pode entrar em contato com o espaço não semiótico e extrasemiótico”, LOTMAN, 1992, p.14 in *Statii po semiótike i tipológuii kultúry* apud <http://www.scielo.br/pdf/bak/v12n1/2176-4573-bak-12-01-0005.pdf>. Sobre isso, a autora acredita que as coisas vão e vêm com menos controle do que se imagina e que as áreas do conhecimento estão em permanente livre-trânsito.

A membrana campo da certeza-campo da ficção⁴ tergiversa sobre a escrita acadêmica e divaga sobre um método, por sorte, falível em arte. Pensa-se na escrita como estado de possibilidade articulado sobre o terreno supostamente fixo e permanente da linguagem.

A partir da perepodvypodverificação pretende-se chegar a um pastiche de ideias, como uma pedra de Roseta, estabelecido em língua portuguesa ou em qualquer outro idioma que possa nos acudir para chegarmos a uma espécie de *Dasein* de um processo ligeiramente ficcional e sem compromisso com a suposta verdade. Ou seja, obedeceremos os caracteres da escrita mas desobedeceremos a escrita. Nenhuma é mais verdadeira que a outra. O homem apenas brinca de nomear, por isso, não acredite em (quase) nada do que ler⁵.

Fugir. Ou se esconder. Pintar a letra. Procurar a primeira letra.

⁵ Recomenda-se ouvir o trecho da música “Três apitos” de Noel Rosa todo dia antes de se levantar: você no inverno/sem meias vai pro trabalho/não faz fé com agasalho/nem no frio você crê. Não acredite na meteorologia. (E muito menos nas artimanhas do amor). Isso foi só um devaneio.

oisha kukihini
Atahukula
ige ngahaponga kukihini
Atahakula
tuã hepüati kukihi kukihini
*Atahukula*⁶

⁶ Vamos fugir/*Atahakula*/para as cabeceiras do mundo, vamos fugir/*Atahakula*/para o lugar onde começaram as águas/*Atahakula*. Canto kuikuro do Alto Xingu cf. Franchetto (1997).

GILGAMESH NÃO DESENHOU A PRIMEIRA LETRA



O estudo de paleografia, epigrafia e escritas antigas é relativamente recente. Datam de meados do século XIX. O contato com a escrita cuneiforme, o copta, os hieróglifos atravessa (mais uma vez começo a ver as coisas encapsuladas por membranas, ideias que se fagocitam ou se fundem ou se separam; a pequenininha se funde com a grandona; a grandona engole uma maior) todos os muros que antes faziam esconder o conhecimento adormecido de assírios, egípcios e semitas ruem de forma macia e sem resistência como areia ao vento Harmatão.

O trabalho com a palavra, a escrita e o sentido é um fazer quase paleontológico: tira-se terra, limpa-se poeira, esconde, encontra, pedra, papel e tesoura de tempos cruzados mais complexos do que nossa capacidade de apreender a realidade. Muitas vezes é um equívoco e não há muito a ser dito, entretanto o desconforto do silêncio e da pesquisa nos coloca no assento do meio de um carro de duas portas sem cinto de segurança dos anos 1980. É inseguro e desconfortável, mas nem por isso negamos o passeio.

Perguntar-se o que existe? ou o que é real? em geral significa apenas se perguntar como queremos usar um verbo e um adjetivo. É uma questão gramatical e não sobre a natureza⁷.

Então tudo é questão de nome? Aparentemente, sim. Nomear é escolher pontos de vista e escrever é tornar a língua um instrumento do pensamento.

⁷ ROVELLI, Carlo. **A ordem do tempo**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 91.

E por que fazer literatura, ler literatura e embrenhar-se na arte?
Não se trata somente de questões pontuais de cronologia ou de cultura, mas de assumir os riscos do desconhecido e das decepções da investigação.

POTCHEMUCHKA – POR QUE ESCREVER UMA DISSERTAÇÃO?

suffixus [lat]: pregado,
pendurado.⁸

Be your size. Small men. [mas seja grande
mesmo quando se sentir pequeno – meu adendo]

J.L.AUSTIN⁹

Por quê? Por quê? Por quê? Porquê. Em português entoamos sempre os mesmos sons: quem pergunta ou quem responde. Mesma melodia, refrão diferente. Tanto faz. Então, por que importa tanto que porque. Esse é o *sprit humaine* de potchemuchka (почемучка), aquele que pergunta demais. Ou quem não suporta a dúvida e o mistério. Ou, ainda, os inventa.

Em russo, por que é potchemu e o sufixo -chka personaliza e adjetiviza a palavra. E porque é potomu tcho – “estamos apenas interessados no potchemuchka não se estenda” [dita o superego]. Ele, o por quê, é afinal quem veste a roupa da deusa e investe todo poder ao humano (ou o aflige ainda mais). Perguntar é mais interessante que responder. Pelo menos até o presente avanço dessa escrita. Ou *avant la lettre*, como soa bem na Academia. Talvez na conclusão achemos mais conveniente criar o potomutchochka.

⁸ Imagem da autora de obra atribuída a um pintor gótico catalão do século XV, Museu Nacional de Arte da Catalunha, 2019.

⁹ in CASSIN, B. **Dicionário dos intraduzíveis**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 149.

Agora que sou uma potchemuchka – para fugir talvez da condição de ser animal e maturar meu projeto “artista que reflete e escreve” – coloco os problemas da digestão de pensamentos como estratégia discursivo-especulativa que parte de Minerva e segue para Vênus em primeira e segunda marchas. Pouco veloz. Quando potchemuchka embala na descida uma lauda completa em um só dia é celebrada com euforia.

Pois como as aves migratórias, não viajo em linha reta. Aliás, nenhum potchemuchka parece muito linear.

Pronto. Existo como perguntador. E, por ora, persiste a intuição de que não se sabe do futuro dessa pesquisa e do olhar sem proteção de outro leitor que não será mais eu. Quem é você? Seja meu cúmplice.

Estou procurando uma linguagem. O ser humano tem muitas linguagens: há aquela em que conversamos com as crianças; há ainda aquela em que se fala de amor... Mas há também a linguagem em que falamos conosco mesmos, construímos nossas conversas interiores (...)¹⁰

¹⁰ Aleksievitch, Svetlana. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, p.253.



¹¹ No Japão, e talvez em outras culturas asiáticas, existem 72 microestações do ano além das quatro conhecidas por nós. Agora escrevo sobre os ares de Atsukaze Itaru, ou seja, quando o ar quente sopra. Depois de um período de observação, pude notar que agora na latitude 15°46.7832'S e longitude 47°55.7832'O as formigas andam depressa e fazem caminhos por todos os lugares da minha paisagem doméstica.

trecho escrito e elaborado na microestação do andar acelerado das formigas e da floração da pata de vaca¹¹

A VIAGEM DAS AVES INEXPERIENTES

O Mesmo é a diferença sublimada; o diverso é a diferença consentida.

ÉDOUARD GLISSANT¹²

Além de o caminho de migração das aves não ser muito linear, o que pode ser ótimo levando-se em conta economia de energia ao se aproveitar o movimento dos ventos, por exemplo, levaremos em conta agora a miopia de quem vos escreve e a diferença de visão das aves. A maioria delas tem visão lateral e um ponto cego frontal, as aves de rapina possuem boa visão binocular mas periférica ruim. Ambos não enxergamos muito bem. Além disso, há o grande risco de colisão com os parques eólicos (ou com o inconsciente, com o relógio, com a preguiça, com o trabalho, com a fome, com a insônia, com o medo – nossos parques eólicos):

Aves de rapina e outras planadoras de grandes dimensões são bastante vulneráveis a colisões, sobretudo para os indivíduos imaturos, que sofrem proporcionalmente maior número de colisões por serem voadores menos experientes e ágeis, pouco familiarizados com o ambiente. Citam-se como espécies vulneráveis por apresentar altura de voo compatível com as pás do aerogerador (altura aproximada de 120m) os representantes da família cathartidae, acciptridae, falconidae, strigidae, ardeidae, columbidae, apodidae, hirundinidae e anatidae, além dos da ordem ciconiiformes (grifo meu)¹³.

¹² In “Le discours antillais” (1981).

Como as aves somos bípedes¹⁴. Algumas têm uma linguagem específica, um idioma e talvez até um ligeiro sotaque.

Pego-me pensando sobre quais outras semelhanças temos com pássaros. De imediato, nenhuma, mas se apertamos os olhos, ajustarmos o foco... pronto. Caímos na armadilha de Fernão Capelo Gaivota. Ou a Gaivota chamada Jonathan Livingston; Чайка по имени Джонатан Ливингстон; Juan Salvador Gaivota; Il Gabbiano Jonathan Livingston; Jonathan Livingston le Goeland; Die Möwe Jonathan; かもめのジョナサン. Ou qualquer tipo de heroísmo moral e espiritual típico das fábulas. Utopias para superar deficiências. Pois bem, falamos de aves só para reforçar que o caminho é tortuoso e que parques eólicos são ameaçadores: “pela lei da similitude, as coisas assemelhadas são na verdade uma mesma coisa”¹⁵. Aves e pequenos humanos destreinados. Vivendo sem treino. Como falamos da gaivota em mais de uma língua, acho que vale a pena mencionar – por nenhuma razão sensata – que ela pertence

¹³ Cf. Relatório anual de rotas e áreas de concentração de aves migratórias no Brasil, 2016: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/DCOM_Miolo_Rotas_Migratórias_2016_final.pdf

¹⁴ Segundo Saraiva (2014) “A existência do bipedalismo já era um fato antigo na evolução. É o caso dos pássaros, o que favoreceu o aparecimento das asas, proporcionando-lhes o voo, que veio a caracterizar toda a classe. O bipedalismo também ocorreu com alguns dinossauros ornitíquiianos (com quadris semelhantes aos das aves). Por motivos óbvios no que se refere às aves e por carência de uma maior habilidade locomotora dos dinossauros, em quaisquer desses casos os membros liberados pela nova atitude postural não assumiram, nem de longe, o papel que passariam a ter entre os homínídeos. Nestes, os membros superiores derivaram dos grandes símios, que já apresentavam uma apreciável competência manipulativa”, p.141.

¹⁵ Franco Júnior, Hilário. Cocanha – a história de um país imaginário. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 75.

à família Laridae, habita águas costeiras e é onívora, enquanto as andorinhas-do-mar se nutrem apenas de peixes¹⁶. Além disso, convém lembrar que além dos parques eólicos as pessoas também representam uma ameaça:

Todo bicho, seja de pena ou de pelo, teme por princípio a figura humana. Quaisquer que sejam as espécies, inclusive ferozes, todas possuem nítida noção das distâncias em que podem deixar o homem se aproximar sem que venha ameaçar sua integridade física. Estes padrões estabelecidos pelo instinto animal ou, às vezes, por experiências de encontros desagradáveis com o ser humano, são conhecidos como distâncias de fuga, variando de uma espécie para outra¹⁷.

Pontos de fuga. *Birdwatching*. Pesquisa ornitológica. E a desimportância desse escrito.

(...) Shmuel perdeu de vez toda esperança em relação a seu trabalho de pós-graduação, “Jesus na visão dos judeus”, trabalho que no início abordara com enorme entusiasmo, eletrizado com o vigor do ousado insight que lampejara em sua mente ao escolher o tema. Mas, quando começou a pesquisar detalhes e sulcar as fontes, descobriu rápida e facilmente que em sua brilhante ideia não havia de fato nada de novo, já fora publicada antes de ele ter nascido, no início da década de 30, numa nota de rodapé num pequeno artigo por seu eminente professor¹⁸ (...)

¹⁶ Frisch, Johan Dalgas. Aves brasileiras. São Paulo: Dalgas-Ecotec Ecologia técnica, 1981.

Apesar disso, alguém escreve na esperança de que outro alguém leia. Ou alguém escreve embora ninguém leia.

¹⁷ *idem*, p. 274.

¹⁸ Oz, Amos. Judas. São Paulo: Companhia das Letras, p. 79.

Mesmo que seja um humano feroz.





JITTERBUG WRITINGS – O BICHO NERVOSO DA ESCRITA

Porque é de noite e estamos ambos sós,
leitura e escritura,
criador e criatura,
na mesma inumerável voz.

Ao escrever, tudo se transforma em literatura.

MANUEL ANTÓNIO PINA

Escrever escrever sem saber aonde vai a escrita. O processo de uma criança agitada. Ou de uma mariposa Esgingidae que chega a voar a 54km/h¹⁹. Ou um passo de dança ritmado pelo álcool.

Quase apressada. Faz e desfaz o percurso. Cria e recria. Copia e rouba. Memórias literárias. Talvez seja isso uma dissertação. Um livro de memórias de outros livros e das memórias que vieram de livros, filmes, viagens. Dissertar é um exercício de anamnese. Em estado de vigília e com a certeza de que boa parte dos pensamentos é evaporada. Somos criados para esquecer.

Um texto com pedaços em branco. Como traça. Como a intraduzibilidade da poesia. Como a resistência da língua materna. Como se as coisas realmente tivessem um nome. Como se isso pudesse não existir. Como estratégia para permanecer.

¹⁹ Cf. <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-o-inseto-mais-veloz/>. Última consulta em 04/08/2019.











IT'S ALL ABOUT TRASH

Três da manhã. A essa hora é possível. Não existe barulho. Ou somente os pequenos barulhos que não incomodam. Cesto de lixo. Dizem que nele existem coisas que valem a pena – como a lixeira de Jane Austen²⁰. Separar o bom do ruim.

...decido roubar a ideia de que o cesto de lixo pode ser rico e que nele está contida alguma confiança desse trabalho. Ou talvez apenas como justificativa para algum defeito do pensamento. A melhor parte desse estudo pode estar aqui ou pode ter sido permanentemente apagada. Deletada. *Trash*²¹.

Foram para o lixo as fotografias desfocadas, os souvenirs dos sinais de loucura no caderno de anotações, a ideia rabiscada às pressas no avesso de uma nota fiscal, um poema mal escrito, um parágrafo inteiro sobre a paleografia, uma memória que teima em voltar. A lixeira está cheia, mas não pesa.

Frases inúteis de exercícios em uma gramática árabe recuperada da lixeira:

²⁰ “Sem dúvida percebeu-se, com muita propriedade, que podemos ir longe demais depois que começamos a esvaziar o cesto de lixo de um escritor de gênio na cabeça do público, e que em certo sentido esse cesto de lixo é tão sagrado quanto o túmulo” G. K. Chesterton a respeito da publicação de *Lady Susan* e a não publicação de *Amor e amizade*. Isso nos faz pensar se somos hábeis como juízes da nossa própria obra e o que merece ser salvo da lixeira. O cesto de lixo é coisa a se pensar.

²¹ Trash pode ser traduzido como lixo e também como algo de qualidade duvidosa.

Cidadãos, deveis preparar-vos para a guerra, porque há rumores de que vossos inimigos estão dispostos para guerrear-vos. Minha filha, tu aprovas este tipo de comportamento numa pessoa que alega amar-te? Quando o inverno chegar, aquelas felizardas senhoritas viajam à Suíça para esquiar sobre o gelo e brincar sobre a neve. Vem comigo para que vejamos os animais estranhos que há no zoológico. Joga este livro velho na cesta do lixo e compra uma nova cópia dele²².

Decidiram escrever da direita para esquerda porque *al-kitabu sagirun wa-l-qalamu qasirun*²³.

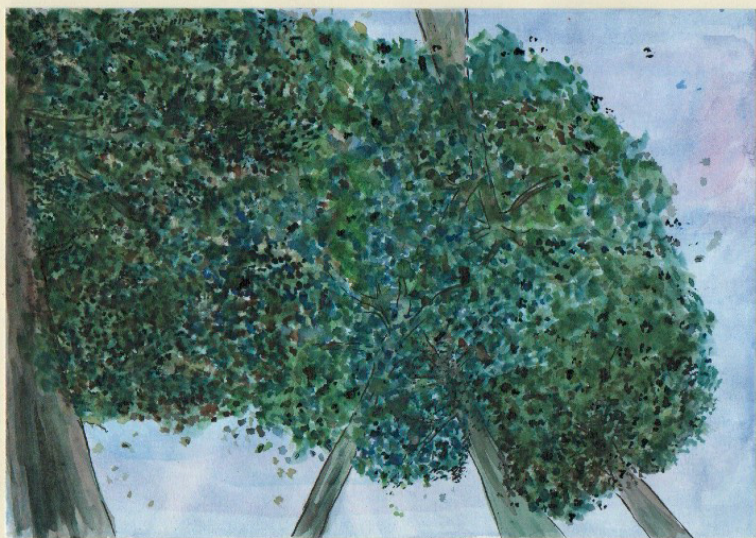
Há lixeiras por toda parte.

²² in Cowan (2007), p. 137.

²³ O livro é pequeno e o lápis é curto.







outono

aconselha-se ingerir mais frutas, salvar suas sementes e plantar árvores; o tempo é granular; tudo é feito do mesmo tecido, coisas e estrelas, e isso tem nome: “campo de Dirac”; ajustar intuição com conhecimento; o intraduzível é a tradução infinita.

EMUDECER A LÍNGUA

A totalidade de vestígios pré-históricos dá conta de sua profundidade humana, de nossa falta de acesso às sensações, ideias e experiências cotidianas?

CHRIS GOSDEN

A época antes das palavras. Ainda antes do cavalo chinês. Do tempo em que não conversávamos por palavras, não desenhávamos letras. As pessoas não viviam apenas linguisticamente, mas também por meio da sua ação hábil no mundo e das relações entre eles e as coisas. A hipótese Sapir-Whorf defende que a linguagem é uma forma de expressão de pensamentos e sentimentos e um molde para o desenvolvimento desses pensamentos e sentimentos.

É um esforço pensar na cosmologia dos outros. Nas camadas que soterram o barulho. O primeiro som foi um rugido? Foi de dor ou alegria? O que aconteceu com o Neandertal? Por que ele desapareceu e restou apenas Nós? O diferente só pode ser compreendido nos seus próprios termos.

Como a imagem e outros sistemas de arte, não há uma equivalência perfeita entre linguagem e experiência.

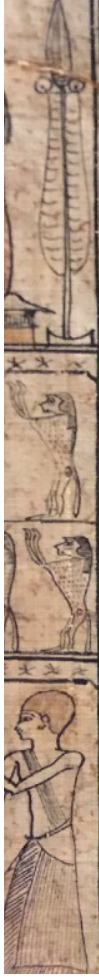
Há 30.000 mil anos, na região de Vladímir, Rússia, um intervalo mais quente antes do ápice da última glaciação. Humanos notavelmente adornados. Um adulto e duas crianças. Os Sunghir²⁴ (Сунгирь) do Paleolítico mantinham um padrão ritual funerário bastante elaborado. Objetos de arte, relíquias animais, sistemas de identidade social. Tudo isso já existia.

²⁴ Cf. <https://www.cambridge.org/core/journals/antiquity/article/diversity-and-differential-disposal-of-the-dead-at-sunghir/B7672FB594E94A505A35E10C869F3808/core-reader>





Handwritten text in an ancient script, likely Coptic or a related language. The text is arranged in approximately 15 horizontal lines. Some words are written in red ink, serving as section markers or emphasis. The script is dense and fills most of the page's width.



AMENDOIM, MILHO, FEIJÃO, LÃ

Longos fios ou cordas feitos de algodão ou lã, significavam número ou coisas: os quipus²⁵ incas. Há centenas de anos esse era o sistema de mensagem da região de Incahuasi (Peru). As informações viajavam de um posto a outro para serem transmitidas ao imperador, suas cores variavam conforme a localização e representavam pessoas, lugares e objetos. Eles escreviam assim. É a variedade que caracteriza o humano e não necessariamente a unidade.

Imagino que devam existir dezenas de outras escritas que chegaram e não chegaram até nós: pedra, barro, direção do vento, migalhas de pão de Hänsel und Gretel, Libras, braille, códices rúnicos.²⁶

²⁵ Cf. <https://www.nytimes.com/2016/01/03/world/americas/untangling-an-accounting-tool-and-an-ancient-incan-mystery.html> e <https://www.youtube.com/watch?v=AmPyz1kCbOw>

²⁶ sequência de imagens da autora: mãos anônimas no museu do Vaticano; papiro, Museu Egípcio de Turim, 2019; ateliê-obra, Roma, dezembro de 2018; ateliê-obra, Utrecht, julho de 2018, escola de equitação, Amsterdã Oeste.





inverno

às vezes faz frio no calor



Por volta do sétimo mês, em dias que o vento sopra impetuoso e a chuva se torna escassa, o ar em geral é seco a ponto de lamentarmos esquecer a garrafinha de água, e é deleitoso tirar uma sesta, bem agasalhada numa veste levemente acolchoada, que ainda conserva um suave odor de suor²⁷.

AS COISAS DETESTÁVEIS E ESTRANHAS DEVEM SER MENCIONADAS PORQUE ELAS EXISTEM NO MUNDO

À minha esquerda, empilhados ou enfileirados, tenho 24 livros. À minha direita, 12. Pequenas conchas encontradas num canteiro de obras em Amsterdã, um ventilador de mesa cor-de-rosa xarope dos anos 1990, uma caixa de areia de gatos, uma prateleira com livros de linguística, um origami de tsuru, um mapa-múndi enrolado, fitas adesivas coloridas sem uso, uma receita médica de colírio Systane para olhos secos, uma reprodução de Vermeer, um cartão-postal do museu nacional húngaro, uma caneta do hotel Ostaniec, pedras que vieram do mar de Alagoas²⁸, uma fotografia de família, uma gata que surge de vez em quando e digita coisas bizarras como oytr03[=1 (provavelmente uma comunicação em língua felina), lápis de cor, um calendário 2019 dobrado, o coelho de Dürer, três gavetas bagunçadas, bala sabor morango, uma nota fiscal, resultados de um exame de sangue, um torrão de terra vermelha apanhado na rua.



Preciso melhorar o fim dessa introdução.

²⁷ Uma paráfrase livre que fiz de Sei Shônagon.

²⁸ As pedras apareceram inesperadamente por aqui. Obviamente, sigo as normas do Ministério do Meio Ambiente e não retiro tais objetos de seu ecossistema. Essa dissertação não feriu nenhum animal ou planta durante sua elaboração.









PARTE DOIS

LEIA COMO SE LÊ UM ROMANCE

A periodicidade acalma a corrida do tempo; a imaginação, de modo correspondente, regula e organiza. Produz tanto uma inversão de valores quanto um desprendimento da estabilidade do tempo.

ELEAZAR MELETÍNSKI²⁹

Este era outro de nossos temores: que a
Vida não fosse igual à literatura.

JULIAN BARNES³⁰

²⁹ in MELETÍNSKI, E. **Arquétipos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p.36.

³⁰ in BARNES, Julian. **O sentido de um fim**. Rio de Janeiro: editora Rocco, 2019, p. 26.

Propp³¹ não pode comparecer. Ninguém sabe o motivo. Parece que ele tinha um gato que ia a todo lugar com ele. Foi o que disseram, mas até o presente momento ninguém entendeu a razão de o gato entrar na história. Talvez a experiência Bulgákov tenha afetado todos os russos presentes no evento. Já Bulgákov ninguém nem se lembrou de convidar. Meletínski chegou dois dias antes do encontro começar. Ele insiste em ser compreendido, mas aqui isso ainda não é possível. Sim, sim, já sabemos dos arquétipos. Ninguém quer falar sobre a psique quando David Attenborough preside a mesa inaugural: “Princípio da desvantagem e o preço da honestidade para se evitar trapanças no mundo animal”. Sim, estamos falando de controle de qualidade no reino animal. O bico do calau e o rabo do pavão. Embustes por todos os lados.

Decidimos, por ora, ir para a prática do birdwatching antes que David começasse a falar sobre nossas presas primárias – os tão frágeis dentes. Isso faz com que Khlebnikov se lembre toda vez da desigualdade do mundo e da fome que não acabou. Ele ainda planeja fazer de um lago uma grande sopa.

Todos comemos creme catalão no café da manhã. Rossy de Palma, a musa de Almodóvar, deixou os pães folheados no prato. Acordou com óculos escuros e se fez parecer mais famosa do que realmente é. “*Perché hanno invitato degli attori per una questione così seria?!*”³² foi o resmungo que ecoou em italiano pela sala. Disseram

³¹ Vladímir Propp (1895-1970) foi um acadêmico e estudioso do folclore russo.

³² Tradução: Por que convidaram atores para assunto tão sério?!

que veio de Gramsci enquanto falava com um colega sobre um projeto de emancipação coletiva pela via da arte. [Sófocles ameaçou abandonar o evento]

Fazer a dobradura no tempo causa problemas às vezes. O que se admitia em 1917 não se admite mais hoje. Explicar *wifi* para quem usava gramofone sempre dá trabalho. Celeumas por culpa da relatividade de todas as coisas. Por sorte, o nome de Nikola Tesla não foi aventado para essa edição do evento.

O encontro anterior aconteceu em IJmuiden. Foi um fiasco. Choveu, os navios do porto eram maioria e as aves não apareceram. Exceto a simpática Rock Pipit (*Anthus Spinoletta*).

E passaram novamente o endereço errado para Freud. Sul do Pacífico, Sandy Island (19°12'44" S; 159°56'21"E)³³.



33

³³ O cisne de Jan Asselijn, Rijksmuseum, Amsterdã, preso desde o século XVII.

A ARTE OS MANTEVE VIVOS

Regarder. Essa é a base do pensamento *birdwatching*. Sobre as aves, na verdade, trata-se pouco. Melchior d’Hondecoeter insistiu em carta escrita meses antes que pássaros nunca saem de moda e sempre representarão status e suntuosidade. Nenhum bolchevique pensou em contestar verbalmente um colonialista do passado, apenas o enviaram uma bibliografia básica: Stuart Hall, Bakunin, Edward Said, Frantz Fanon e Paulo Freire. Não se sabe se ele de fato a leu, mas sua presença não foi confirmada no evento. Ele não virá obviamente. Por razões educativas (ou pura retaliação), a obra que ilustrava o convite passou a ser o pintassilgo do seu conterrâneo Carel Frabitus. Ressentimento histórico ainda existe mesmo nas dobras do tempo.

Essas picuinhas políticas importam pouco para a nossa prática embora consumam muita energia psíquica. Séculos atrás, séculos a frente.

PEQUENAS DOSES DE AFLIÇÃO

Eu me recordo que em 1884 apareceu no céu um cometa comum do tamanho de um navio a vapor. Foi muito assustador. Mas aqui: uma colher! Que é um cometa perto desse fenômeno?

DANIIL KHARMS, **Sobre fenômenos e existências no.1**

Quatro demonstrações de como uma nova ideia pode atordoar uma pessoa despreparada



I

ESCRITOR: Eu sou um escritor.

LEITOR: Na minha opinião, você é um m...a!

(O escritor fica paralisado por alguns minutos, atordoado com essa nova ideia, e cai morto. Ele é retirado.)

II

PINTOR: Eu sou um pintor.

OPERÁRIO: Na minha opinião, você é um m...a!

(O artista ficou branco como um papel,

E balançou como uma vara,

E súbito morreu.

Foi retirado.)

III

COMPOSITOR: Eu sou um compositor.

VÁNIA RUBLIOV: Na minha opinião, você é um m...a!

(O compositor, ofegante, desabou. Súbito foi retirado.)

IV

QUÍMICO: Eu sou um químico.

FÍSICO: Na minha opinião, você é um m...a!

(O químico não disse nem uma palavra e estatelou-se no chão).

DANIIL KHARMS, 13 de abril de 1933

UM ABAFAMENTO DE CONCLUSÕES NO CDLXXV

“Que coisa é essa de *birdwatching*?”, uma voz nauseada e preguiçosa fez ruir o silêncio que antecipa qualquer coisa prestes a iniciar-se. “Viver não vale a pena. Só olhar é que vale a pena”, respondeu Pessoa³⁴. “Então estamos na dobra do tempo só para olhar?”, perguntou mais uma vez o Urso Pequeno Pequenino³⁵.

E então foi dada a largada do quadrigentésimo septuagésimo quinto encontro de *birdwatching* entre murmúrios, indignações (mais uma vez os bolcheviques precisaram ser acalmados por um grupo de estoicos que apenas vieram para observar o evento) e salvas. Muitas salvas porque no encontro todos gostam de estar – a parte fundamental de *birdwatching* (antes de ver, é-se; se estou, sou; e se imagino, vejo). “Estar ou ser? que língua falamos? no tão barroco português? Assim não vale”, indignou-se Hegel distanciando-se a passos largos do primeiro grupo a cabular a mesa de David. Aparentemente, ele não gosta de ser entendido de imediato, mas evita certos floreios (“língua verklausuliert essa sua³⁶!” gritou um anônimo que estava mais a parte do grupo. Disseram que foi o gato de Bulgákov, um provocador, mas isso ninguém sabe ao certo, pura especulação de um dos *sans-culottes*³⁷ presentes).

³⁴ PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**, São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 426.

³⁵ Personagem da História dos três ursos de Joseph Jacobs.

³⁶ “Enclausulada”, cheio de cláusulas [alemão].

A primeira celeuma foi lançada. A língua oficial seria o idioma mais barroco do Ocidente para comoção dos saxões e dos eslavos tão habituados à contradição dialética linguística. Ser, estar e ficar. Verbos que lhes causam arrepios.

Por uma questão de prudência, o tópico número um foi novamente lançado. *Regarder*. Essa é a palavra de ordem. Todos se reuniram para o ato de *birdwatching*, portanto, a regra de ouro é manter a atenção sob a perspectiva do ato de olhar. E não o objeto olhado *per se*. Na verdade, para que realmente seja visto o objeto *per se*.

[No folder do evento havia um breve guia sobre as atividades que se seguiriam à abertura. Um dia para teoria, outro para prática, outro para assembleias e votações, vendas de livros, obras de arte e vodka, ideia dos russos – maioria no encontro].



³⁷ Artesãos, trabalhadores e pequenos burgueses que lideravam as manifestações de rua durante a Revolução Francesa (1789-1799).

DEUS É A ALMA DOS BRUTOS

“Тернист путь познания³⁸”, sussurra em russo Marina Tsvetáieva³⁹ enquanto caminha pela encosta de Los Jardines debaixo de muito sol e com mosquitos zumbindo e rodeando sua face.

Minamitorishima, Ilha dos Pássaros do Sul. Zero residente. Ao sul dessa ilhota encontram-se Los (Buenos) Jardines. Esse pequeno par de ilhas tem uma linhagem antiga na cartografia moderna, nasceu nos relatos de viagens e desapareceu definitivamente em 1973.

Membros infiltrados na Organização Hidrográfica Internacional – ИНО⁴⁰ acharam conveniente apagar as ilhas para que a granulação temporal ocorresse da forma mais discreta possível.

Apesar de ser realizada no Pacífico, o guia de James Bond⁴¹ *Birds of the West Indies* foi a referência visual-prática para a atual edição do evento pelo entusiasmo de David sobre as mais de 400 espécies de aves viajantes do Caribe⁴². Uma dose de humor taxonômico talvez. Não estamos nas Caraíbas.

O primeiro grupo de dissidentes⁴³ já estava formado desde o primeiro dia. E é com esse grupo que a discussão sobre arte ganhou uma proporção maior que o próprio encontro de birdwatching (grosso modo, o encontro sobre *regarder comme il faut*⁴⁴).

[Enquanto esse registro é escrito, um albatroz-de-laysan do Atol de Midway, um arquipélago no Pacífico Norte, é morto por plásticos ou ratos].

³⁸ Tradução: O caminho do conhecimento é eivado de espinhos.

³⁹ Tsvetáieva carrega a lamentação e o protesto em seu idioma materno. A poeta não disfarça sua perseverante decepção e tristeza pelos tempos de sofrimento pós-revolução.

⁴⁰ Cf. <https://iho.int>

⁴¹ Não o de Ian Fleming, mas o Bond original. O ornitólogo.

⁴² No presente evento, havia mais de 400 viajantes no tempo.

⁴³ Marina Tsvetáieva, Urso Pequeno Pequenino, Fernando Pessoa, Khlebnikov, Casper Vopel, Hesíodo, Lavoisier, Fra Angelico, um artista amador e uma grande sacola com objetos.

⁴⁴ Olhar como se deve, em francês.





MUNDO DAS COISAS

“A matéria não desaparece, apenas se transforma. É disso que estamos tratando. Da transformação dos átomos. Somos como as coisas, mas agimos diferentemente delas”, Lavoisier animado anuncia a importância dos objetos nos nossos ofícios – sejamos químicos ou artistas ou poetas. “As coisas importam e o que fazemos delas importa mais ainda”.

[Observo o reboco do teto. As ranhuras formam ondulações que se parecem com cobertura de chantilly em bolo de festa manualmente alisada com uma espátula. Um é feito de cimento, areia fina e cal. O outro, creme de leite e açúcar].

“A temperatura certa, o tempo certo para se ter o perfeito *al dente*, Orsetto⁴⁵” Fra Angelico explica efusivamente para o Urso Pequeno Pequeninino o tempo ideal de cozimento da massa. Orsetto empurra discretamente com o pé sua tigela de mingau para o canto e se envergonha pelo fato de comê-lo sempre frio. “*Prego!* Não se faça envergonhado, Orsetto! Ainda é *piccolo!*”. “Sim, sim... estamos sempre rodeados de muitos críticos e poucos fazedores”, queixa-se Tsvetáieva, “no fundo, é sempre disso que estamos tratando: dar e receber. Pffff... é trabalho o que os artistas fazem? Ainda penso em Meyerhold e no Большой театр⁴⁶”. Hesíodo⁴⁷ caminha em direção à poeta e diz que o trabalho é uma necessidade diária e que isso nos

⁴⁵ Ursinho em italiano.

aproxima da natureza o que, por sua vez, nos distingue dos deuses. Fernando Pessoa cita a si mesmo: “A vida é para nós o que concebemos nela⁴⁸, Marina”.

[Enquanto a conversa se desenvolve, olho o mar. Não vejo nada a não ser a linha que divide água e ar. Imagino que mentalmente converso com algum marinheiro em um barco distante e que ele me responde também mentalmente. E falamos sobre a chuva, os animais incríveis que existem no mar, a falta que a terra firme faz. Imagino que ele seja um asiático, ou um norueguês chamado Asbjørnsen que tem duas filhas e uma esposa esperando por ele em casa. Elas já não estranham sua ausência, mas sim a sua presença na casa. Ele é um convidado não um morador. No Natal sempre comem Pinnekjøtt porque Asbjørnsen prefere as carnes de animais de pasto do que os peixes do mar. Já o marujo filipino chamado Ceejay espera o ano inteiro pelas missas natalinas *Simbang Gabi*. Come Bibingka com seus irmãos, vizinhos e parentes de outras províncias. No mar, Ceejay sente falta do arroz e de todas as variedades no seu preparo. O cozinheiro-chef atual é indiano e gosta de agradar aqueles que são maioria na tripulação: os próprios

⁴⁶ O grande terror (1936-1938) foi uma campanha repressora soviética de vigilância, massacre, limpeza étnica e execuções sumárias. O diretor e ator Vsevolod Meyerhold foi preso, torturado e executado sob falsa acusação de espionagem.

⁴⁷ Autor de O trabalho e os dias, obra que se refere especialmente ao trabalho agrícola na Grécia Antiga.

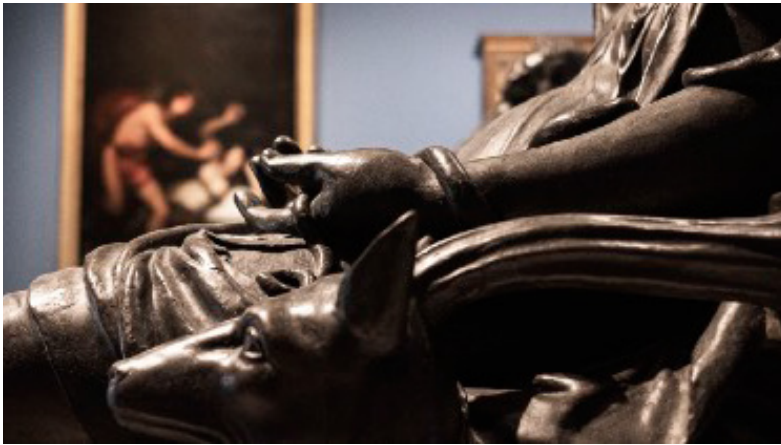
⁴⁸ PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**, p.130.

indianos. Asbjørnsen acha natural viver no mar, mas lamenta não conhecer tão bem suas filhas. Já Ceejay só espera juntar dinheiro suficiente para ter seu próprio negócio em Manila. Despeço-me deles e penso que essa história poderia virar um romance, um filme, um documentário ou um desenho.]

Fra Angelico olha para o mesmo mar e diz que tudo aquilo são caminhos para ascender a Deus e descreve o detalhe do tríptico de Perugia, “Histórias de São Nicolau”, uma cena pintada em óleo sobre madeira. Ao fundo é possível ver dois navios e uma paisagem marítima e no primeiro plano dois trabalhadores. O pintor diz que São Nicolau é o santo protetor dos marinheiros e foi conhecido por ser uma alma muito benevolente⁴⁹.

Provavelmente, o frei também imagina histórias em silêncio. E depois as pinta.

⁴⁹ São Nicolau tornou-se o Papai Noel.







AQUI NÃO É A BAÍA DE ST IVES

“Falta-nos um cineasta”, Khlebnikov não acha que a língua alcança tudo e todos. Talvez nem mesmo a Zaum⁵⁰. Existe um misto de entusiasmo com frustração entre os artistas. Muitas vezes a matéria não dá conta da imaginação.

Uma pequena floresta de arbustos que não ultrapassa os dez centímetros. Um sapato com o solado de madeira. Uma réplica da pintura da princesa Tuvstarr sentada olhando melancolicamente para a água. Insetos. Virgínia Woolf, de passagem, olha para os objetos e comenta com ironia: “sem palavras”. E segue seu caminho olhando para o mar e murmurando que ali não é a Baía de St Ives⁵¹ e as memórias nunca podem ser iguais. “São só imagens literárias, Miss Woolf! Elas não vão voltar!” grita Marina acenando com um sorriso.

PROJETO 2 OU 3

[A palavra Projeto dá corpo ao trabalho, maturidade e um tom menos caprichoso típico da imaturidade intelectual de quem ainda não entende as coisas com tanta clareza]

⁵⁰ Língua experimental criada por poetas futuristas russos, dentre eles, Khlebnikov.

⁵¹ Alusão ao livro **To the Lighthouse** (Ao Farol) – 1927 da escritora inglesa Virginia Woolf.

Primeiro ato

Um grupo de artistas e pensadores se reúnem num espaço de tempo indefinido e não localizado cronologicamente para pensar sobre o trabalho em arte e sobre suas percepções de mundo. Alguns já se conhecem e outros ainda se perdem na lacuna temporal. Estão em uma ilha que já existiu, mas deixou de existir. Alguns animais são antropomorfizados. Outros miniaturizados. Não há roteiro para essa peça. Mas todos estão no mundo. Observação: anotações sobre reações à arte e não novas teorias ou, ainda, velhas teorias revisitadas.

[Uma figura exigente

Criatura muda, egocêntrica e autocentrada. Mesmo quando não se pensa na pesquisa ela está lá com você. O projeto exige que você durma com ele, se alimente com ele e o leve para quase todas as conversas, da mais íntima à mais impessoal. Torna-se sua profissão, seu lazer e sua desculpa. “Não, não posso. Preciso trabalhar na dissertação. Sim, ainda estou no mestrado”. O celular no modo avião nos protege. A lombada da autobiografia de Bulgákov exibe sua imagem. Ele usa terno, as duas mãos no bolso, cigarro na boca, gravata borboleta. Uma língua bárbara que alguém traduziu. Transferiu. Verteu. Aprende-se a falar com os bárbaros, mas fica um resíduo de confusão. Li “Algumas vezes foi preciso tirar os sapatos para ficar da altura da vida”, Caio Meira. As mínimas coisas, os tropeços, os excluídos. Escavar ou exumar os detalhes do pensamento. Conversar com outros autores: filósofos, poetas, pintores. “Eles saberão explicar”. Não, não totalmente. “É autoficção, é

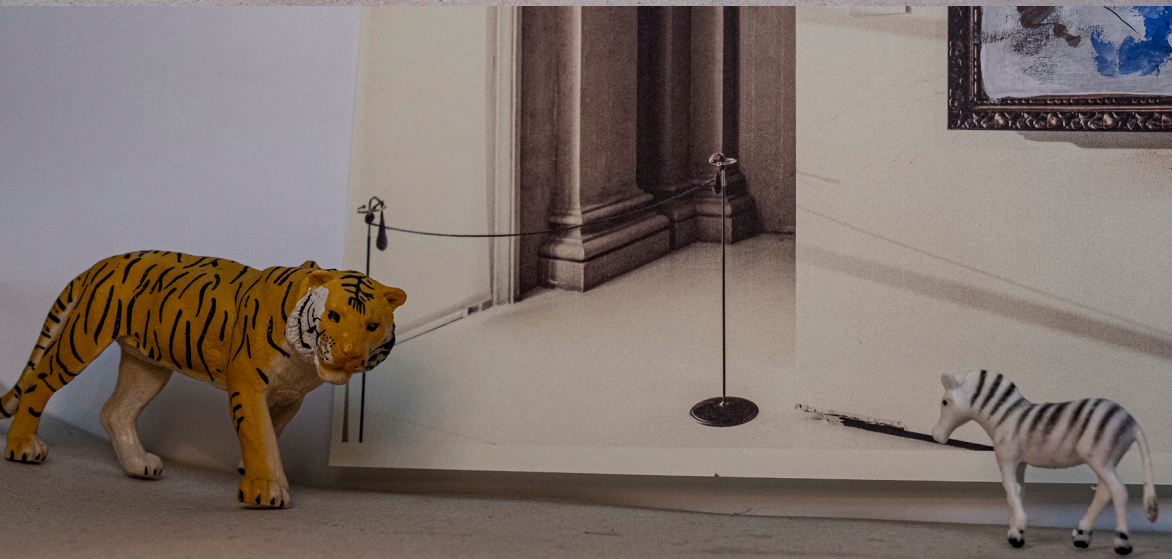
autoficção, é autoficção” sussurra o vento quente do ventilador de mesa. Um híbrido de pesquisa e invenção (uma falcatrua científica?). Um trabalho sobre a espera ou sobre estar no meio do caminho⁵² – e talvez esse seja um bom lugar].

Essa confraria me inspirou a escrever um livro que ainda não existe

⁵² Ou *in-between*: “Old English *betweonum*, Mercian *betwinum*, “in the space which separates, midway, in the midst, among; by turns,” from *bi-* “by” (see *by*) + *tweonum* dative plural of **tweon* “two each” (compare Gothic *tweih-nai* “two each;” from PIE root **dwo-* “two”).

Between is literally applicable only to two objects; but it may be and commonly is used of more than two where they are spoken of distributively, or so that they can be thought of as divided into two parts or categories, or with reference to the action or being of each individually as compared with that of any other or all the others. When more than two objects are spoken of collectively or in divisibly, among is the proper word. [Century Dictionary]”. Cf: <https://www.etymonline.com/word/between>.

Último acesso em 04/03/2020.



Acomodo-me na conflituosa cadeira de escritório que faz surgir uma dor na lombar que somente ela pode proporcionar. Para a minha primeira linha do livro inexistente lembrei-me da avó de Gorski que era redonda feito um balão. E fiquei pensando se os artistas sempre têm autorização para usar metáforas carinhosas-agressivas. Sem condescendência, como fazem algumas crianças. Mentem, têm uma capacidade de rudeza e docilidade imensas, desfazem os discursos. É um livro que não existe como as pueris comidinhas de mentirinha das panelinhas, a guitarra invisível, o carro desligado voando em alta velocidade dentro da imaginação do menino na garagem de casa. Lembro-me de uma vez de um livro infantil com uma história-template em que você só mudava os nomes dos personagens. O final era sempre igual. O começo e o meio também. Isso tem um quê de esperteza com preguiça que às vezes aparecem na vida acadêmica. Algumas dissertações são mais ou menos assim. Um template com certo capricho.

Pasolini me apresentou *Odetta em Il Vangelo secondo Matteo*. Então eu entendi melhor como as amizades artísticas são (ou podem ser formadas). Gostei imediatamente de Odetta e entendi que nesse trecho da escrita ela deveria fazer parte.

Nenhures, algures e alhures são lugares que necessariamente estive.



ATO CÍVICO

dia 01

No último mês, saí duas vezes. Farmácia e supermercado.

Da minha janela vejo jasmim-manga, pata de vaca, pomba, beija-flor, sabiá-laranjeira, palmeiras, aves que não sei o nome, alguns carros e poucas pessoas. Escuto a vizinha de cima com uma frequência maior do que gostaria. Distúrbio de atenção.

Algumas coisas me alimentam e eu nem ao menos sei disso. Outras, eu achava que deveriam sustentar minha Musa, mas ela não se contenta sempre.

Uma abobrinha tipo “*zucchini*”. Criei expectativas com ela quando vi uma mancha verde-escuro na barriga do vegetal. Achei que a partir disso, algo interessante nasceria.

Não aconteceu.

Esbocei um desenho, uma fotografia. Não gostei de nada.

O destino dela poderia ter sido mais sublime do que o forno.

dia 02

Parente do pepino. Verde como ele.

Achei que valeria a pena pensar nos acontecimentos diários. Nos microeventos.

A abobrinha.

Foi colhida em algum lugar que não foi mencionado pelo vendedor pelas mãos de um agricultor que desconheço o nome.

[Por enquanto, escrevo somente para aquecer os dedos, para que as minhas mãos sintam-se à vontade com o teclado].

Fazer a pegada do carbono da abobrinha parecia um dever moral quando tudo está parado, fechado e vigiado. Os objetos da casa passaram a ter um outro valor. Na verdade, todas as coisas passaram a ter outro sentido.

Por isso, achei que deveria mencionar a abobrinha.

dia 03

O dinossauro, interpretado por um capuz de gato, entra na webcam para distrair uma criança a mil quilômetros de distância. Em uma casa sem crianças como entreter uma criança?
A abobrinha na fruteira.

ato 1

O dinossauro come-come abobrinha-inha-inha.
Come dinossauro come-come toda a comidinha.

ato 2

Que abobrinha gostosinha.
Vou comer toda a papinha.

ato 3

Agora vou escovar os meus dentinhos.
Comi e enchi a barriguinha.
Nham.



BREVE E VERÍDICA NOTA SOBRE SERES CÍCLICOS

“Dali parte para a cidade, e de bom grado permanece por algum tempo, satisfeito em trabalhar para os irmãos capuchinhos da Misericórdia, e em prometer baixinho à madre guardiã, através da roda do convento, o quadro pronto até meados de setembro; ou se retira nas épocas de epidemias, tão frequentes naqueles tempos, para terminar a obra em algum pequeno vilarejo dos Apeninos; e, por vezes, até prefere entregá-la não ao enfadonho zumbido das dissertações dos dúbios estetas da cidade, mas ao inculto consenso das vozes dos campos de Monterchi”.

ROBERTO LONGHI sobre Piero della Francesca.

A fortuna histórica me colocou pertinho dos Renascentistas. E também por meio do Indiana Jones da história da arte que estava sentado ontem à noite no alto de uma cúpula de uma torre muito alta de onde se via apenas uns pontinhos pequenos que eram cabeças de humanos muito pequenos. Parece, inclusive, que havia uma neblina que escondia o para-raio da torre. Não se sabe ao certo se essa cúpula pertencia a um palácio, uma igreja ou qualquer edifício que solicite o estatuto “cúpula” – “na sala oval do nosso prédio existe uma cúpula” ou “na sala da cúpula”. Uma abóboda hemisférica, não a cúpula que reúne pessoas importantes. Porém, qualquer edifício que tenha uma cúpula abriga pessoas importantes. Pois bem, o Indiana Jones era Longhi, mais Roberto do que Indiana. Ele segurava um caderno de anotações aberto no colo até que um semideus, ou um ser mais excêntrico do que inteligente, tropeçou e jogou Longhi para baixo. Longhi mais que Jones. Ele caiu e o ser exótico

foi enxotado da cúpula – daí meu julgamento sobre a importância dos seres que estão sob a proteção dela. Devem ser exclusivos.

Indiana Jones de verdade não cairia da cúpula, então a associação de seu nome com o do historiador italiano para exposição no Musée Jacquemart-André de Paris soou-me duvidosa. Claro, isso tudo foi um sonho, mas nem por isso pareceu menos sincero pra mim. Na verdade, o sonho me conduziu novamente a um livro de Longhi que ocupava a segunda fileira de trás dos livros da minha estante. Portanto, o próprio sonho tornou Roberto (e não mais Longhi) uma figura familiar que despertou até certa ternura porque afinal “ah ele foi derrubado de uma torre”. Então, meus dedos tocam as imagens do livro e tenho uma sensação de que aquilo não poderia ser explicado.

Essa é a história da minha pesquisa. Ela toda existe em pensamento não verbalizado. E, de uma forma quase mística, só ganha corpo algumas vezes. A mente de um lado “promete baixinho” como Piero (Ou Pedrolino? Ou Pierrot?) e de outro grita “faça acontecer!”. Parece que assim funcionam todos os atos da criação. Sentar-se a frente do computador demanda que exista um consenso prévio entre esses lados – em tempos de epidemias ou não; entre estetas, na cidade ou no campo. A paciência me leva a reelaborações contínuas sobre o mesmo objeto de estudo e sempre tento encontrar o equivalente verbal para meu problema de pensamento. Entendo, então, que esse projeto todo circula numa operação de tomadas de pontos de vistas. Deslocamentos por entre pequenas decisões diárias. Começo e recomeço. Olhar pro céu espacial e organizar os pontinhos em constelações.















RODA ZANZA 2020 – NEW ORGANISM’S REPORT

Meio milímetro. Cor cinza escuro. Provavelmente, era de um tom mais claro, similar à fotometria do 18% cinza, com uma garrinha dentada por dentro do pequeno círculo. Como um minianel dolorido. Pode ser a parte interna de um botão de pressão. Ou um suporte para parafuso, ou um objeto essencial de algum aparelho fundamental para o bom funcionamento de uma boa residência. Ou, ainda, um novo organismo produzido por nós, os moradores da casa – dois adultos e um felino de pequeníssimo porte pesando menos de três quilos.

Talvez esse pequeno novo organismo tenha sido trazido por nós de alhures ou nenhures. Pode também ter sido carregado pela ranhura da sola do sapato; enganchado na roupa; na sacola retornável das compras. Não sei.

Na primeira vez que o vi, deixei repousando por dias em cima da máquina de lavar. “Deve ser de alguma peça da máquina”. Deixei por ali, como se ele se resolvesse naturalmente. Você precisa dar um fim a si mesmo. Os limites, as barreiras, a aceitação. É assim e pronto. Obviamente, o anelzinho não se resolveu. Zanzou por uma borda, depois por outra. Foi promovido ao teto do filtro de água. “Pode ter caído do filtro”. E por ali viveu alguns dias.

Ao passar o pano umedecido com álcool 70% (setenta por cento de álcool etílico hidratado com água deionizada, mais que isso ele evapora antes da hora, anote) por cima desse mesmo filtro, a rodinha voou longe. Não achei e não me interessei na hora. Ela esteve por uns dias escondida em algum canto até que hoje foi novamente encontrada por mim (ou eu encontrada por ela).

Era *nonsense* a atenção que ela ganhava toda vez que a via por aqui.
Zanzando.

Notações:

- cabe dentro de uma lata de metal azul-bebê
- menor que a unha de um dedo mindinho
- um pouco menor que o Ipê roxo
- sozinha não tem tamanho
- um pouquinho menor que um pássaro azul
- do tamanho da ponta de um lápis
- menor que uma árvore comprida
- menor que um apontador
- bem menor que uma fatia de bolo de chocolate



EPIPHANIA ACADEMICUS: ESCRITA UTÓPICA

[Dublin: in the National Library]



Skeffington – I was sorry to hear of the death of your brother. . . .sorry we didn't know in time. . . .to have been at the funeral. . . .

Joyce – O, he was very young. . . .a boy. . . .

Skeffington – Still. . . .it hurts. . . .

JAMES JOYCE, **Epifania 22**

Agora quanto à terceira qualidade. Por um bom tempo não conseguia compreender o que Tomás de Aquino queria dizer. Ele usa um termo figurativo (algo muito incomum nele) mas eu decifrei. Claritas é quidditas. Após a análise que descobre a segunda qualidade a mente faz a única síntese logicamente possível e descobre a terceira qualidade. É o momento que chamo de epifania. Primeiro reconhecemos que o objeto é uma coisa integral, depois reconhecemos que ele é uma estrutura complexa organizada, na verdade, uma coisa: finalmente, quando a relação entre as partes está refinada, quando as partes estão ajustadas ao ponto especial, reconhecemos que ele é aquela coisa que é. Sua alma, sua quiddidade, salta em nós desde o revestimento de sua aparência. A alma do mais comum dos objetos, a estrutura que é assim ajustada, nos parece radiante. O objeto atinge sua epifania.

JAMES JOYCE, **Stephen Hero**

Epifania como uma categoria genérica de percepção artística.

SYDNEY FESHBACK

As epifanias são tanto um tipo de experiência quanto um gênero literário – tanto uma forma de ver ou ouvir quanto uma forma de mostrar e escrever.

RUST HILLS⁵³

⁵³ Apud JOYCE, James. **Epifanias**.





COROLÁRIO EPIFÂNICO

devaneio 01

Atingir um estado de perfeição da escrita. Ou um entendimento pleno entre as falas, línguas, linguagens e menções. Como a terra prometida, a viagem é utópica, mas o lugar não. Esse ensaio desloca-se por Babel – a utopia distópica – e escorrega por um entendimento do processo de escrita atormentado pela incapacidade da plena compreensão. O percurso de pesquisa sobre uma língua bárbara: aquela que para os helenos não os representa. A hesitação da ambivalência entre compreender e não compreender, sendo a *compreensão* mais um sintoma epifânico.

Quantas línguas cabem num mapa? No globo terrestre há mais de seis mil. Elas existem e são ausentes. Não se tocam, não se cruzam; e se tocam, e se cruzam – como Babel. O dizível é uma experiência ficcional. Assim como escrita.

devaneio 2

Pôr a pesquisa em risco. A tentativa do estado de perfeição. A simulação da tentativa do estado de perfeição. A ruptura na tentativa de simulação. A exploração da tentativa como crítica interna do processo de escrita acadêmica. A linguagem como problemática da pesquisa do processo em arte. O não lugar do texto no fazer artístico e a perda inicial de rumo. A escrita com “recheio filosófico”.

Os neuropsiquiatras escreveram tratados sobre isso. Nós nos ouvimos de maneira diferente, dizemos coisas que não teríamos dito, pensamos um pouco de outra maneira, não reagimos da mesma maneira. A língua de uso influencia o corpo e os sonhos. Uma outra cultura se infiltra por interstícios imprevistos, temos acesso a canções, piadas, compreendemos os subentendidos, o humor se torna possível. Quando falamos uma nova língua o dia todo, a existência pode tomar outra direção e o caráter, se modificar⁵⁴.

Pesquisar na língua do colonizador. Quando ela entrou na minha família? Desde quando é a nossa língua materna, nossa *heritage language*?

devaneio 3

A objetividade fugidia e um “esforço de clareza na tomada de consciência⁵⁵” é o *état de besoin* de quem nomeia, fala e tenta explicar por meio das palavras. Ou desestabilizar a naturalidade que há nas palavras ao se criar uma experiência narrativa em pesquisa acadêmica. Mais uma vez: o primeiro urro humano foi de espanto ou alegria? A mão negativa que teima em cruzar o tempo, o sujeito e o verbo.

⁵⁴ CREMISI, Teresa. **A triunfante**, BH/Veneza: Ayné, p. 74.

⁵⁵ Bachelard, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: WMF, 2018, p.1.

*L'homme seul dans la grotte a regardé
dans le bruit
dans le bruit de la mer
l'immensité des choses*

Et il a crié

*Toi qui es nommée toi qui es douée d'identité je
t'aime*

*Ces mains
du bleu de l'eau
du noir du ciel*

plates

Posées écartelées sur le grani gris

Pour que quelqu'en les ait vues

*Je suis celui qui appelle
Je suis celui qui appelait qui criait il ya trente mille ans*

Je t 'aime⁵⁶

Algumas palavras só surgem para fazer falar o silêncio.

devaneio 3,5

Ainda sobre o primeiro urro. A primeira mão negativa. A pintura de Jean-Baptiste Regnault⁵⁷. O medo da perda e do esquecimento. E somos criados para esquecer⁵⁸. E mesmo assim [tentamos] utopicamente conservar as coisas que amamos.

Na arte e na vida.

devaneio 4

Faz parte do métier do pesquisador observar as possibilidades das palavras, da escrita e do texto como parte da tarefa de investigação onde pesam as obrigações e passagens, mas que tem uma finalidade utópica: a da emancipação.

⁵⁶ DURAS, Marguerite. **Les mains négatives**, 1979. Tradução livre: “O homem solitário a gruta olhou/no barulho/no barulho do mar/a imensidão das coisas/e ele gritou/tu que tens nome e identidade eu/te amo/Essas mãos/do azul da água/do preto do céu/Planas/colocadas divididas sobre o granito cinza/para que alguém as visse/Eu sou aquele que chama/eu sou aquele que chamava que gritava há trinta mil anos/eu te amo”. Disponível em: https://www.pantheonbonne.fr/fileadmin/Service_Vie_Etudiante/news/Les_Mains_Negatives__Marguerite_Duras.pdf

⁵⁷ *Dibutade ou l'Origine de la peinture*, 1786, óleo em canvas, coleção Palácio de Versalhes, *salon des nobles*.

⁵⁸ Nietzsche vê o “esquecimento como força plástica, modeladora (...) como uma atividade primordial”. In: http://gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/upload/cn_07_02%20Ferraz.pdf

a razão precisa da imaginação e das ilusões que ela destrói; o verdadeiro precisa do falso; a substância, da aparência; a insensibilidade mais perfeita, da sensibilidade mais viva; o gelo, do fogo; a paciência, da impaciência; a impotência, da soberana potência; o muito pequeno, do muito grande; a geometria e a álgebra, da poesia, etc⁵⁹.

devaneio 5

A metafísica é resultado de um mal-estar, segundo Fernando Pessoa. Os sonhos sociais são tentativas de substituir o conhecido pelo desejado⁶⁰. Habituar-mo-nos ao usual, mas com um olhar ligeiramente transmutado.

Ou metamorfoseado entre imagem, palavra e sentido.

⁵⁹ Leopardi, Giacomo. **Ouvres**. Paris: Del Duca; Unesco, 1964.

⁶⁰ Franco Jr, Hilário. **Cocanha – a história de um país imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

devaneio ∞

Você fez questão
de dobrar o mapa
de modo que nossas cidades
distantes uma da outra
exatos 1720 km
fizessem subitamente
fronteira⁶¹

ANA MARTINS MARQUES

A possibilidade remota de capturar pensamentos em papel. Como se eles só existissem em forma de palavras. Como se a tenuidade do ar não fizesse diferença na temperatura. Como se a granularidade do tempo fosse marcada no relógio. Como se a matéria quântica unisse continentes⁶².

⁶¹ Marques, Ana Martins. **O livro das semelhanças**. SP: Companhia das Letras, 2015, p. 38.

⁶² Um navio chamado Regina partiu de Gênova para Santos em 1890. Pessoas que partiram e pessoas que chegaram.

No fim de mar, com olhos apertados pela claridade de quem saía do frio e sentia que nenhum casaco seria mais necessário em novembro. A viagem que acontecia sem destino certo ou pouco preciso. Os itens que não seriam necessários ou que poderiam ser imprescindíveis: caixa de ferramenta, régua, maleta médica, diários, álbuns⁶³. Todas as formas mínimas de se narrar uma trajetória ou manter o vínculo com o que ficou do outro lado do oceano. E para alguns, a crença de que o retorno também seria possível.

A escrita oceânica, a travessia de devoção a uma utopia imprecisa [o lado de lá, a Cocanha?] e o mistério de toda investigação em arte ou em vida.

Bas Jan Ader?

⁶³ <https://artsandculture.google.com/exhibit/KgJCSH3wKtKtNJA>.







INCONCLUSÃO

Perdi
algo que havia encontrado
encontrei algo que havia sido perdido⁶⁴.
Abbas Kiarostami

⁶⁴ KIAROSTAMI, Abbas. **Nuvens de algodão**, p. 23. BH:editora Ayné, 2018.

Acreditar que as pesquisas têm começo e fim – o maior devaneio.

Na prática de investigação e criação, as coisas são feitas da mesma matéria – estrelas, animais ou histórias. A fantasia de criar um **estudo de processos** com uma epistemologia acadêmica aceitável e um corpus de criação sem medo ou freios é como acreditar que ao amanhecer choverá pães e ao entardecer haverá abundância de trigo [Epopéia de Gilgámesh]. É falar sobre o que o coração deseja. Porque entre continentes somos olhados pela via Láctea, pela Lua em Touro e pelo equinócio da primavera e a entrada da estação Risshun que derreteria o gelo caso aqui houvesse (*Harukaze kōri o toku*).

Em fins

A pesquisa nasceu dentro dos domínios considerados relativamente seguros da linguagem e da língua, porém, com o passar do tempo e das dúvidas inerentes à qualquer investigação acadêmica, as fronteiras — e até mesmo as definições mais cristalizadas — foram ganhando novos contornos e borrando as ideias de quem achava que a miopia era somente uma questão visual e não de pensamento. O cristal começou a ser derretido. O drama da língua e da necessidade constante em manter uma relação de reconhecimento e similitude entre coisas, palavras e imagens ganharam um sentido bastante dramático, como um elástico encruado suportando a difícil tarefa de sustentar paradigmas fixos e pesados esticado entre dois cânions. As teorias são menos estáveis do que se supunha. Especialmente no campo das Artes.

Quando a questão do reconhecimento puro das palavras e das coisas deu lugar a um problema mais fenomenológico, a falência das certezas absolutas foi crucial para um entendimento de que o processo da arte como pensamento e criação é na verdade um trabalho de gerenciamento entre identificação, percepção, cognição, linguagem e todos os múltiplos caminhos neurais impossíveis de serem mapeados e compreendidos no presente estudo. Suportar o risco de caminhar entre dois cânions sobre um elástico encruado.

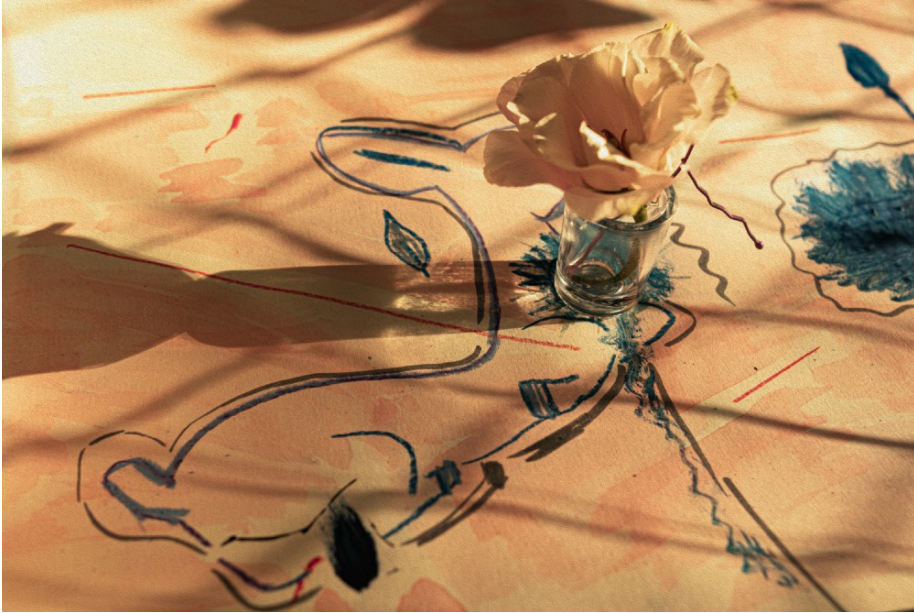
Portanto, para que haja um mínimo inteligível, o estudo dirigiu-se a um projeto prático-teórico mediado pela linguagem (a incontornável, a falida e a imprescindível linguagem), por desenhos e pela imagem digital. O amadorismo intencional, a ficção e a literatura foram manifestações artísticas generosas para a construção de um modelo indisciplinar de estudo e de trabalho que se apoia nas tabuinhas sumérias, no grotesco de Bosch e no falseamento de toda as artes.



“Quando a narrativa se torna romance, longe de parecer mais pobre, torna-se a riqueza e a amplitude de uma exploração, que ora abarca a imensidão navegante, ora se limita a um quadradinho de espaço no tombadilho, ora desce às profundezas do navio onde nunca se soube o que é a esperança do mar. A palavra de ordem que se impõe aos navegantes é esta: que seja excluída toda alusão a um objetivo e a um destino”.

O canto das sereias, p. 7, **O livro por vir**, Maurice Blanchot.





LISTA DE IMAGENS

- 1 Cavalo chinês. Fotografia e desenho, 2020.
- 2 A lanterna – agradecimento. Lápis e guache em papel, 2020.
- 3 Terra redonda. Aquarela e guache em fotografia, desenho, colagem, 2020.
- 4 Terra apertada. Imagem digital, 2020.
- 5 Bárbaro, fotografia, 2018.
- 6 Güiranheenguetás. Desenho, 2020.
- 7 Rapsódia: a girafa, a geleia e o tigre. Fotografia, 2020.
- 8 Coluna bárbara. Fotografia, 2019.
- 9 A primeira letra I. Fotografia, 2019.
- 10 Do mestre catalão. Fotografia, 2019.
- 11 O voo da inexperiência. Desenho, lápis e guache, 2020.
- 12 Cabeça de cavalo. Escultura em argila, vidro e grampos. Reprodução em fotografia, 2020.
- 13 Parque eólico I. Desenho, 2020.
- 14 Parque eólico II. Desenho, 2020.
- 15 Parque eólico III – assepsia. Desenho, 2020.
- 16 Elmos. Aquarela, 2020.
- 17 Sobre as questões que não sabemos. Fotografia, 2020.
- 18 A primeira letra II. Fotografia de papiro, Museu Egípcio de Turim, 2019.
- 19 Estudos sobre cavalos, barbarismos e erudição – série fotográfica, 2018.
- 20 Propriedades físicas da luz. Fotografia digital, 2020.
- 21 Desconcerto. Fotografia, 2019.
- 22 Coletas – seres estranhos ou bárbaros na Linnaeusstraat. Fotografia, 2019.
- 23 Chlóros. Desenho, lápis, guache e aquarela, 2020.
- 24 O passarinho que sonha com a cobra. Desenho, 2020.
- 25 O cisne que foi chocado no ninha da pata. Fotografia, 2018.
- 26 Os aflitos I e II. Fotografia, 2019.
- 27 Vogel na parede dos van Loon. Fotografia, 2018.

- 28 Retrato de Margaretha ao entardecer. Fotografia, 2020.
- 29 Mundo das coisas. Fotografia, 2018.
- 30 Esperando S. Nicolau. Fotografia, 2019.
- 31 Asbjørnsen e Ceejay. Desenho, lápis, 2020.
- 32 Ensaio para visitantes de museu I e II. Fotografia, 2020.
- 33 Ingredientes para um trabalho sério. Fotografia, 2020.
- 34 A abobrinha que tinha uma barriga verde. Desenho e aquarela, 2020.
- 35 O sonho de Longhi. Desenho em papel craft, 2020.
- 36 Onde moram os deuses – díptico. Fotografia, 2019.
- 37 Estudos sobre cortesãs ou artistas. Fotografia, 2019.
- 38 Protocolos de biossegurança – natureza-morta. Fotografia, 2019.
- 39 Roda zanza. Registro fotográfico de objeto não identificado, 2020.
- 40 A primeira letra III. Fotografia, 2019.
- 41 Uma dimensão coletiva. Desenho sobre papel, 2020.
- 42 O que ainda não foi pensado e nem escrito. Aquarela e lápis sobre papel, 2020.
- 43 Acúmulo-nimbo. Fotografia, 2018.
- 44 Teatro do segredo. Gato em massa de modelar sobre pedra, fotografia, 2020.
- 45 Pisa-mansinho – o ser mais astuto e enganador. Fotografia, 2020.
- 46 Kauyumari, o veado Huichol, mensageiro e tradutor dos deuses. Desenho e fotografia, 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEKSIEVITCH, Svetlana. O fim do homem soviético. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ARISTÓTELES, Poética. São Paulo: editora 34, 2015.

BAUDRILLARD, J. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BROTON, Jerry. Uma história do mundo em doze mapas, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2014.

BONNET, Alastair. *Off the map – lost spaces, invisible cities, forgotten islands, feral places, and what they tell us about the world*. Londres: Aurum Press, 2014.

CASSIN, B. Dicionário dos intraduzíveis. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CESAR, Ana Cristina. A teus pés. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CHESTERTON, G. K. in **AUSTEN**, Jane. Amor e amizade. Porto Alegre: TAG, 2019.

CHKLOVSKI, Viktor. “Arte como procedimento” in Teoria da Literatura: formalistas russos. Porto Alegre, 1971.

COWAN, David. Gramática do árabe moderno. São Paulo: editora Globo, 2007.

GOSDEN, Chris. Pré-história – uma breve introdução. Porto Alegre: P&MPocket, 2019.

CREMISI, Teresa. A triunfante, BH/Veneza: Ayné.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Cocanha – a história de um país imaginário. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FREITAS, Angélica. Um útero é do tamanho de um punho. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FRISCH, Johan Dalgas. Aves brasileiras. São Paulo: Dalgas-Ecotec Ecologia técnica, 1981.

JAFFE, Noemi. Livro dos Começos. São Paulo: SESI-SP, 2018.

JOYCE, James. Epifanias. São Paulo: Autêntica, 2019.

KIAROSTAMI, Abbas. Nuvens de algodão. Belo Horizonte: editora Ayné, 2018.

LEOPARDI, Giacomo. Ouvres. Paris: Del Duca; Unesco, 1964.

LONGHI, Roberta. *Piero della Francesca*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MULLER, Herta. Minha pátria era um caroço de maçã. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

NANCY, Jean-Luc. Resistência da poesia. Lisboa: Antropos, 1991.

OZ, Amos. Judas. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

RODARI, Gianni. Gramática da Fantasia. São Paulo: Summus Editorial, 1982.

PINA, Manuel António. O coração pronto para o roubo. São Paulo: editora 34, 2018.

ROVELLI, Carlo. A ordem do tempo, Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

SARAIVA, Paulo Espírito Santo. Cérebro, evolução e linguagem. Brasília: Editora UnB, 2014.

SELLINK, Manfred. Bruegel in detail. Antuérpia, Bélgica: Ludion, 2018.

SMITH, Patti. Devoção. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

STEINBERG, Saul. Reflexos e sombras. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2011.

SZYMBORSKA, Wisława. Rminhas para crianças grandes. Belo Horizonte: editora Ayné, 2018.

VIÉL, Ricardo. Sobre a ficção: conversas com romancistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Texto e Imagens: **JÚLIA GODOY**

Projeto Gráfico e Diagramação: **ÁTILA COÊLHO**